

**POÉTICAS NO ENTRE-LUGAR
VESTÍGIOS DO PASSADO NO PRESENTE**

***POETICS IN THE BETWEEN
TRACES OF THE PAST IN THE PRESENT***

Celia Maria Antonacci
Pesquisadora independente

RESUMO:

Diante das ansiedades cotidianas, as condições incertas produzidas pela exploração de todo tipo de minério, pela exaustão da Terra e das próprias pessoas, que continuam sendo exploradas e atingidas pelo descaso do Estado na escravidão passada e presente, do número crescente de acidentes ambientais, proponho aqui, em algumas poéticas políticas, percebermos a produção e a reprodução dos 'condenados da terra' ainda em tempos contemporâneos e, a partir da própria arte propormos debates que polemizem o biopoder e valorize a arte, os artistas como protagonistas políticos em defesa da vida e do meio ambiente.

PALAVRAS-CHAVE

Poéticas, meio-ambiente, biopoder, biopolíticas.

ABSTRACT

Considering everyday anxieties, the uncertain conditions of (re)produced by the exploitation of all types of minerals, by the exhaustion of the Earth and of the people themselves, who continues to be exploited and affected by the State's neglect in past and daily slavery, of the growing number of environmental accidents, I propose here, based on some political poetics, that we understand the production and reproduction of the 'damned of the earth' still in contemporary times, debates that contest the biopower and value art, the actions of artists such as political protagonists in defense of life and the environment.

KEYWORDS

Poetics, environment, biopower, biopolitics.

O historiador Eric Hobsbawm inicia seu livro, "A Era do Capital", salientando a revolução de 1848 como o ponto de partida da modernidade. "A antiga simetria quebrou-se, a forma modificou-se. A revolução política recuou, a revolução industrial avançou". Continua o autor:

O drama mais óbvio deste período foi econômico e tecnológico. O ferro derramando-se em milhões de toneladas pelo mundo, serpenteando em estradas de ferro que cortavam continentes, cabos submarinos

atravessando o Atlântico, a construção do canal de Suez, as grandes cidades, como Chicago, surgidas do solo virgem no Meio Oeste americano, os imensos fluxos migratórios. Era o drama do poder europeu e norte-americano, com o mundo aos seus pés. Mas aqueles que exploravam esse mundo conquistado eram, se excluirmos o pequeno número de aventureiros e prisioneiros, homens sóbrios com roupas sóbrias espalhando respeitabilidade e um sentimento de superioridade racial juntamente com o gasômetro, estradas de ferro e empréstimos. Era o drama do *progresso*, a palavra-chave da época: maciço, iluminado, seguro de si, satisfeito, mas acima de tudo inevitável. Quase nenhum dos homens de poder e influência, em todos os acontecimentos no mundo ocidental desejou pôr-lhe um freio.¹

Em janeiro deste ano, 2024, quando recebi o edital do 35^a encontro da ANPAP, as manchetes jornalísticas no Brasil recordavam os cinco anos de mais uma tragédia industrial no Brasil.

Uma série de eventos ao longo desta semana marcam os cinco anos da tragédia de Brumadinho, em Minas Gerais. O rompimento da barragem da Vale deixou 272 mortos. Segundo a Associação dos Familiares de Vítimas e Atingidos da Tragédia do Rompimento da Barragem Mina Córrego Feijão Brumadinho, nenhuma das 16 pessoas acusadas pelo Ministério Público de Minas Gerais por homicídio doloso, duplamente qualificado, foi a julgamento.²

Quatro anos depois do desastre de Mariana, 2015, em 25 de janeiro de 2019, a notícia do segundo maior desastre industrial, o rompimento da barragem denominada barragem da “Mina Córrego do Feijão”, controlada pela mineradora Samarco Mineração S.A.,³ situada no município de Brumadinho, no Estado de Minas Gerais, causava a morte de 270 pessoas, sendo três desaparecidas.

Por ocasião desse desastre em Brumadinho, 2019, o artista e ativista Mundano grafitou na Passagem Literária da Consolação, esquina da Rua da Consolação com Avenida Paulista, na cidade de São Paulo, um

afresco em que lemos: “Somos todos atingidos!”, “O lucro acima de tudo”, “A Lama em cima de todos”!⁴



Imagem 1. Foto do artista Mundano. Título: "O lucro acima de tudo, a lama em cima de todos"

“O lucro acima de tudo”, “A Lama em cima de todos”! Sim, somos todos atingidos! Perdemos muitas vidas de pessoas que trabalhavam na mineradora e outros que habitavam no entorno, povos ribeirinhos que viviam da agricultura e do turismo, visto que nas proximidades da barragem está o `Instituto Inhotim`, considerado o maior museu de arte a céu aberto da América Latina, financiado pela mineradora. Mas também morreram animais e plantas, toda biodiversidade, nosso ecossistema. Ailton Krenak, em entrevista ao *Instituto Socioambiental*, em setembro 2015, por ocasião do rompimento da barragem de Mariana, já aletrava: “o ocorrido é melhor entendido não como um acidente, mas, sim, um incidente.” Continua Krenak: "Não foi um acidente. Quando eu ouço perguntarem sobre ‘o acidente’ de Mariana, eu reajo dizendo que não foi um acidente. Foi um incidente, no sentido da omissão e da negligência do sistema de licenciamento, supervisão, controle, renovação das licenças, autorização de exploração". ⁵

Omissão e negligência que não se ateviveram apenas à barragem do Fundão, em Mariana. Quatro anos depois foi a vez de Brumadinho,

também em Minas Gerais, em região próxima e pela mesma mineradora, Samarco/BHP Billiton. Mais uma vez, uma parte do Brasil foi amputada! A exploração do minério de ferro e outros minérios — como ouro, carvão e prata — por exemplo, não se restringe a uma localidade, Mariana e Brumadinho, ambas em MG, e a Samarco não é a única exploradora de minérios do Brasil. Haja vista os garimpos clandestinos fartamente divulgados em muitas regiões do Brasil, sem licença nem fiscalização, que vêm provocando o extermínio de outros rios e perdas de muitas vidas, florestais, marinhas e humanas, especialmente de indígenas, povos que desde sempre habitam as regiões amazônicas e estão perdendo a saúde, a biodiversidade, sua cultura.⁶ Mundano não é um artista isolado. Muitos artistas a exemplo de Mundano denunciam por meio de suas poéticas políticas diferentes crimes ambientais e a exploração e descaso com pessoas, muitas delas sendo aliciadas ao trabalho irregular por falta de opção socioeconômica.⁷

Resta perguntar: Qual é a imagem do mundo contemporâneo? O que mudou neste novo século? Qual arte está sendo elaborada? valorizada? em resposta às mudanças políticas, sociais, culturais, educacionais que possa propor um debate frente a inautenticidade de nossas vidas? Como a arte responde ao biopoder contemporâneo, num tempo de antinomias?.

O nosso momento, o nosso aqui e agora, vem sendo regido pelo avanço tecnológico e econômico, que propicia a comunicação humana, a mobilidade humana, a produção e estocagem de comida, os avanços da ciência que prolongam a vida na terra, o início de estudos sobre outros planeta e satélites, do espaço extraterrestre. Entretanto, as intermináveis guerras, as violências urbanas e os incontáveis desastres ambientais nos confrontam com milhares de pessoas que habitam as ruas, que atravessam fronteiras por falta de opção, e nos anunciam que falhamos em nossa organização política, em nosso desenvolvimento humano, em nossa cidadania. Visto que a arte é um meio de comunicação, de registro histórico, de advertência política que ultrapassa o tempo e documenta a

cultura, pode a arte pode conduzirmos-nos a um debate que promova a biopolítica?

A intensa exploração do minério de ferro no Brasil, mas também em muitos países africanos — exemplo de Guiné Conacri, que já recebeu a autorização de Beijing para dar a largada ⁸, é um dos muitos exemplos de exploração ambiental contemporânea sob a tutela de “homens sóbrios com roupas sóbrias espalhando respeitabilidade e um sentimento de superioridade racial” e tem provocado muitos desastres humanos e ecológicos. Mas se percebe que ninguém deseja pôr um freio, ou pensar em métodos mais seguros para os trabalhadores e para a preservação do meio-ambiente. A “mão morta da História”, o biopoder, continua a contar as contas do tempo sequencial como um rosário, sem interrupção, avançando sempre!

Como pequenos vaga-lumes⁹, muitos artistas olham para essas regiões de mineradoras e outras políticas que provocam a degradação da terra e a exclusão de pessoas com desassossego, tanto no tocante ao meio ambiente, quanto às pessoas que vivem nessas regiões e sofrem racismo ambiental, exploração dos homens e do meio ambiente, sempre sujeitas a desastres extremos. Com suas micro interferências biopolíticas, os artistas transformam o presente num lugar expandido e excêntrico de experiência e aquisição de poder, e reescrevem nossa história sob um ponto de vista contrário ao capitalismo internacional, de mundos binários desiguais, mas a exemplo do grafite de Mundano, a partir de uma perspectiva de afeto político, daquilo que nos afeta e que afeta a todos.

“Somos todos atingidos”!

Entre os inúmeros artistas ativistas de grande relevância para o tema, trago aqui para nosso debate sobre a exploração indevida do minério de ferro e as consequências humanas e ambientais, dois artistas contemporâneos que dividem comigo afetos contemporâneos: Tiago Gualberto e Sérgio Adriano.

Homi Bhabha nos lembra que “Fanon reconhece a importância crucial, para os povos subordinados, de afirmar suas tradições culturais nativas e recuperar suas histórias reprimidas”¹⁰.

Tiago Gualberto, nascido em Iguarapé, região próxima a Brumadinho, e ao já bastante conhecido ‘Instituto Inhotim’, já aqui citado, considerado o maior museu de arte a céu aberto da América Latina —, um projeto financiado pelas mineradoras —, bem antes do desastre da barragem “Córrego do Feijão” ter soterrado muitas pessoas pela lama, dejetos da mineração —, elaborou poéticas a partir de suas memórias de infância, que já anunciavam ou evidenciavam a exploração agressiva do minério de ferro e suas abusivas consequências ao meio-ambiente e, muito especialmente, às pessoas, moradores pauperizados nos processos de perda de seus modos de vida tradicionais, agredidos pela poluição ambiental em torno da mineração. Sigo as palavras de Tiago Gualberto:

A comunidade de Inhotim existe desde 1870. É uma comunidade que faz parte de uma região de exploração de minério antes do centro de Inhotim. Ela tem uma pertinência, mas por outro lado, eu fico triste de imaginar que não é a primeira vez que acontece algo desse gênero e as pessoas praticamente já se esqueceram que um dos mais importantes rios de Minas, o Rio Doce, foi praticamente morto. Essa nuvem de cor se espalhou, chegou até ao mar contaminando os peixes, a água. Existe uma dimensão do ruído desse passado, da manutenção desse poder, que está diretamente ligada à história do Brasil.¹¹

A conexão política da mineradora com a sustentabilidade do “Instituto Inhotim”, um jogo de poder na veladura da corrupção, e o descaso com a população que vive e trabalha nessa região de mineradoras e do Instituto, e completa a renda familiar com a produção e venda de “chups-chups” — um sorvete cilíndrico, em formato fálico, e por sua relação direta com o uso (chupar um chup-chup) —, instigou Tiago Gualberto a produzir a “Lembrança de Nhô Tim”, nome associado à sonoridade da palavra “Inhotim”, “Senhor Tim” — como muitos moradores desta região se

referiam aos seus senhores em épocas não muito distantes de escravidão.

Em diálogo com muitos moradores, Tiago Gualberto produziu mais de cinco mil chup-chups —, na sua versão particular, preenchidos com o barro avermelhado da poluição ambiental provocada pelas mineradoras. Envolto em papel de seda alaranjado, os chups-chups de barro — agora renomeados, de “Lembrança de Nhô Tim” — acondicionados em uma caixa-fetiche em formato piramidal, estampa em seu exterior a imagem da poluição ambiental, que provoca uma nuvem de poeira laranja-avermelhada permanente e, no interior, uma imagem de um jovem negro, possível trabalhador das minas, era símbolo da escravidão moderna.



Imagem 2. “Lembrança de Nhô Tim”, Tiago Gualberto, foto do artista.

Por ocasião da comemoração dos dez anos do “Instituto Inhotim”, em 11 de setembro de 2016, Tiago Gualberto apresentou na “Casa de Cultura de Igarapé”, uma festa celebração de sua produção de memória, um eco de sua voz associada a muitas vozes subalternizadas na escravidão passada\presente, que foram persuadidas a vender suas propriedades, casas, escolas, hospitais e igrejas, para a construção do “Centro de Artes Inhotim”, e prestar sua força de trabalho às mineradoras e ao Centro de Artes.

Na mesma data, Tiago Gualberto em performance, vestido com calça e camisa laranja, uniforme que a prefeitura estabelece aos funcionários para disfarçar a cor da poluição avermelhada da região, e, também a cor que designa os envoltos em corrupção no Brasil, 'os laranjas', Tiago Gualberto se posicionava nos cruzamentos de estradas que levam ao Instituto e vendia sua obra "Lembrança de Nhô Tim". Afrontando os valores das obras de arte exibidas no "Instituto Inhotim", a "Lembrança de Nhô Tim" era vendida por ele mesmo e pelos próprios moradores, que comercializam "lembrançinhas" turísticas, a um preço simbólico, acessível a todo e qualquer turista que se dirigisse ao Instituto Inhotim, cuja renda era revertida aos comerciantes. Tiago Gualberto devolve o objeto à população o objeto realçado de seu valor erótico-estético-abjecto (já que poluente) e envolve a população no contexto da obra ao ressignificar um produto por eles produzido e consumido dividindo com eles a autoria do capital artístico-cultural-especulativo.



Foto 3. Lembrança de Inhotim. Foto Tiago Gualberto

Ao performar contra as agressões raciais dirigidas às pessoas, ao meio ambiente, à pauperização e à degradação de territórios de moradia e trabalho de populações neoescravas, Tiago Gualberto nos comunica que os preconceitos e os descasos, transcendem do corpo físico, individual, e

não são códigos do passado, permanecem arraigados em nosso aqui e agora.



Imagem 4 -Tiago Gualberto em performance. Foto do artista.

A ruptura da barragem da mina `Córrego do Feijão`, em Brumadinho-MG, em 25 de janeiro de 2019, confirma a advertência de Tiago Gualberto por meio de sua obra de arte.

Muitos artistas, especialmente após os desastres das barragens, dirigiram-se a estes locais em protesto contra o descaso das mineradoras com as pessoas e com o meio ambiente, a vida da natureza e da cultura. Entre muitos artistas que deveriam estar aqui nesta discussão, trago também para nosso debate Sérgio Adriano, um artista catarinense que, igualmente, em performance expôs seu corpo em meio à lama para protestar contra a violência do rompimento da barragem. Sérgio Adriano nos conta: “Uma questão muito grande, que aconteceu em 2019, foi o rompimento da barragem em Brumadinho. Eu prefiro dizer que um crime aconteceu”.

Sérgio Adriano segue o mesmo pensamento de Ailton Krenak. Não foi acidente, foi crime, e desta vez mais grave, uma vez que a omissão foi consciente, já haviam passado pela experiência do desastre de Mariana.

Em sua ida a Brumadinho por ocasião do rompimento da barragem, Sérgio Adriano se posicionou em meio à lama e aos objetos encontrados no caminho.

Na primeira parte, 2019, quando eu fui para Brumadinho, eu dialoguei com os objetos, como os objetos representavam as pessoas. Uma cadeira que eu encontrei, como ela representa as pessoas. Eu vou fazer uma relação com esse objeto e essa lama nos afundando, eu faço esse diálogo entre corpo objeto e o que ele representa, o que ele representava na sociedade. Que família era essa que tinha essa cadeira e que lugar sem nada, devastado. Eu fui encontrando os objetos no meio dessa minha caminhada. Tinha um sofá nessa imensidão de lama e rejeito, que eu vou dialogar, com a casa também. Que casa é essa? A quem pertence essa casa? Qual é a família? Qual é a história em Brumadinho? ¹²



Foto 5. Sérgio Adriano. Foto Sérgio Adriano Brumadinho 2019.

No ano seguinte, Sérgio Adriano, que se propõe a voltar anualmente por dez anos a Brumadinho na data do rompimento da barragem, para se certificar da responsabilidade da mineradora, nos conta:

Esse ano completou um ano eu voltei a Brumadinho para entender o que se tinha passado nesse um ano, o que a empresa fez, e como estava a população. Eu voltei à Brumadinho para fotografar e filmar de novo esses

lugares que eu tinha filmado, sabendo que não estariam mais do mesmo jeito, e não estava mesmo, porque a Vale comprou todas as casas que estavam onde passou a lama, e simplesmente está apagando, tem esse apagamento histórico. Assim, destruir as casas é apagar, em algum momento a gente vai pensar que isso nunca existiu.¹³

Sérgio Adriano expressa na arte suas inquietações, sua militância política. Seu corpo em performance, uma manifestação biopolítica, e suas interferências na literatura oficial — livros didáticos — pedagogias disciplinadoras — e nos monumentos de bronze e pedra, que glorificam a História Oficial, o nacionalismo, o biopoder, sob o olhar de Sérgio Adriano são criticados. Nesse seu retorno, Sérgio Adriano levou alguns livros de História da Arte e os posicionou em meio à lama.



Foto 6: Sérgio Adriano

Em 2019, quando aconteceu o crime, eu fotografei, e agora, quando eu voltei a Brumadinho, eu resolvi levar esse livro que é História do Brasil e encaixar ele nos rejeitos da barragem. Esse lugar onde foi feita essa foto é no Córrego do Feijão, exatamente onde passava o trem, e foi levada a ponte do trem que está ao fundo dessa foto. É bem onde estourou a barragem.¹⁴

A ponte do trem foi levada, exatamente onde passava o trem, o que nos permite, de forma simbólica, perceber que a contradição se torne visível

por si própria. Retorno as palavras de Eric Hobsbawm na epígrafe deste ensaio: “O ferro derramando em milhões de toneladas pelo mundo, serpenteando em estradas de ferro (...) O drama do progressose transformou em drama, a palavra-chave”. Mas agora, para os atingidos nas barragens. Volto a Sérgio Adriano:

Que História do Brasil estamos fazendo neste momento?
Que História do Brasil vamos contar para nossos filhos?
Pode ser uma História do Brasil que nem se conte, que
nem tenha para quem contar, que nem tenha quem
queira ouvir, ou possa ouvir. Que seja apagada! Essa é
uma História que não está dentro, está na capa, é a
História dos vitoriosos, dos que tem dinheiro.

“História dos vitoriosos, dos que têm dinheiro”, nos direciona para a Frantz Fanon que já denunciou o continuismo da escravidão, da exploração do homem pelo homem.

Mas acontece que a descolonização se faça em regiões que não foram suficientemente abaladas pela luta de libertação e encontram-se esses mesmos intelectuais “espertos”, trapaceiros, audaciosos. Encontram-se neles, intatas, as condutas e formas de pensamento reunidas durante o seu contato com a burguesia colonialista. Ontem filhos mimados do colonialismo, hoje da autoridade nacional, organizam a pilhagem de alguns recursos nacionais. Imperiosos sobem na vida através de negócios ou roubos ilegais — importação exportação, sociedades anônimas, jogos de bolsa, privilégios — nessa miséria hoje nacional.¹⁵

As interferências nos livros da “História Oficial” — que circulam em currículos escolares como verdades absolutas, progressistas, Imperialistas, e, também os corpos em performance, — nosso corpo em debate —, uma manifestação biopolítica no afrontamento do biopoder, ultrapassam o discurso imperialista de certezas históricas progressistas e hierárquicas, e em nossas artes, como pequenos vaga-lumes, pouco a pouco afrontamos ou denunciemos os nacionalismos progressistas.

Edward Said segue Immanuel Wallerstein:

O principal traço da expansão imperialista foi a acumulação, processo que se acelerou durante o século XX. O argumento de Wallerstein é que a acumulação do capital, é, em sua base, irracional; seus ganhos aquisitivos de cumulativos prosseguem sem interrupção, mesmo que seus custos - para manter o processo, pagar guerras que o protejam, “comprar” e cooptar `quadros intermediários`, viver uma atmosfera de crise permanente – sejam exorbitantes, desproporcionais aos ganhos.¹⁶

E completa com as palavras de Wallerstein:

A própria superestrutura do poder do (Estado e das culturas nacionais que apoiam a ideia do poder do Estado) que foi construída para maximizar o fluxo livre dos fatores de produção de economia mundial é a sementeira de movimentos nacionais que se mobilizam contra as desigualdades intrínsecas do sistema mundial. Os que são obrigados pelo sistema a desempenhar papéis subordinados ou aprisionadores surgem como antagonistas conscientes desorganizando-o, expondo reivindicações, apresentando argumentos que contestaram as compulsões totalitárias do mercado mundial. Nem tudo pode ser comprado.¹⁷

O mito continuísta de progresso tem sustentado as constantes explorações do solo, das águas, do espaço, mas muito especialmente das pessoas, ferramentas humanas, desconsideradas, tanto no ponto de vista da força do trabalho, quanto do descaso pelos seus ambientes de moradia, trabalho, educação e sociabilização. O controle, ou a disciplina do território, segue o controle e a disciplina dos corpos, das pessoas, dos indivíduos. Biopoder! Um bom roteiro para seguirmos uma discussão é observarmos o que ainda resta do imperialismo na discussão cultural recente.

Bibliografia

ANTONACCI, Célia Maria. *Apontamentos da Arte Africana e Afro-Brasileira: Políticas e Poéticas*. Invisíveis Produções. 2021.

BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Humanitas, Belo Horizonte, MG, 2014.

FANON, FRANTZ. *Os Condenados da Terra*. UFJF, 2013.

GUALBERTO, Tiago. *Lembrança de NHÔ TIM*. Tese de Mestrado, USP, SP, 2018.

HALL, Stuart. *Da Diáspora. Identidade e Mediação Cultural*. Liv Sovik, org. Humanitas, Belo Horizonte, MG, 2003.

HOBBSAWM, Eric J., *A Era do Capital, 1848 -1875*, Paz e Terra, 14ª Edição. 2009.

SAID, Edward. *Ocidentalismo. O Ocidente como Invenção do Ocidente*. Companhia das Letras, 2003.

.....*Cultura e Imperialismo*. Companhia das Letras, 2005.

¹ HOBBSAWM, Eric J., *A Era do Capital, 1848 -1875*, Paz e Terra, 14ª Edição. 2009. P.

²<https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/meio-ambiente/audio/2024-01/acoes-marcam-cinco-anos-da-tragedia-de-brumadinho-20deixou-20mortos>. consultado. em 22\01\2024, às 13:49.

³ A Samarco Mineração S.A. é uma mineradora brasileira fundada em 1977 e atualmente controlada através de uma *joint-venture* entre a Vale S.A. e a anglo-australiana BHP Billiton, cada uma com 50% das ações da empresa. A área teve a sua concessão transferida da Sociedade Anônima Mineradora Trindade (Samitri) para a Samarco. A empresa que lucrou R\$ 13,3 bilhões entre 2010 e 2014, sendo o lucro isolado do ano de 2014 de R\$ 2,8 bilhões, segundo dados da própria empresa publicados em seu portal na internet. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Samarco>. Consultado em 28 de agosto 2020.

⁴ Mundano. Medidas: 2,80m x 4,0m, Local: Passagem Literária da Consolação (esquina da Rua da Consolação x Avenida Paulista / São Paulo - SP Ano: 2019. Técnica: tinta spray; tinta feita à base de lama tóxica da Vale coletada no leito do Rio Paraopeba, em Brumadinho – MG

⁵ Em novembro de 2016, Instituto Socioambiental (ISA) publicou em sua página oficial na web uma entrevista realizada com Krenak em setembro do mesmo ano. Consultado em 7 de abril, 2024, às 16:28.

⁶ Variabilidade de organismos vivos de todas as origens, compreendendo, entre outros, os ecossistemas terrestres, marinhos e outros ecossistemas aquáticos e os complexos ecológicos de que fazem parte; compreendendo ainda a diversidade entre espécies e ecossistemas. <https://www.portaldaindustria.com.br>. consultado em 8 de abril, 2024, às 15:23.

⁷ Sebastião Salgado fotografou “Serra Pelada” e muitos outros sítios.

⁸ O *Financial Times* disse hoje que a mineradora planeja iniciar ainda este ano as obras do projeto, e que já recebeu a autorização de Beijing para dar a largada. (Caso você ainda não saiba: o maior acionista da Rio Tinto é a Chinalco, uma estatal chinesa de mineração). <https://braziljournal.com/rio-tinto-da-a-largada-em-simandou-o-maior-projeto-de-mineracao-do-mundo/>

⁹ A expressão “vaga-lumes”, de Pier Paolo Pasolini em 1975, é traduzida por Didi-Huberman quando defende a sobrevivência de diversas formas de resistência da cultura, do pensamento e do corpo diante das luzes ofuscantes do poder da política, da mídia e da mercadoria. O autor recorre ao trabalho de Walter Benjamin “Imagem Dialética” para demonstrar que a experiência ainda é possível no mundo contemporâneo. Consultado em 4 de abril 2024.

¹⁰ Bhabha, Homi p.31. 2014.

¹¹ Entrevista outubro 2019.

¹² Idem

¹³ Idem.

¹⁴ Idem.

¹⁵ Frantz Fanon. Os Condenados da Terra. 2013, p. 65.

¹⁶ Edward Said. Cultura e Imperialismo. Companhia das Letras, 2005, p. 409\410

¹⁷ Idem

Célia Maria Antonacci é doutora em Comunicação e Semiótica, PUC/SP. No mestrado pesquisou os grafites e, no doutorado, as tatuagens contemporâneas e as nazi-tatuagens como códigos de intolerâncias políticas e sociais. Atualmente pesquisa arte africana e afro-brasileira contemporânea. Publicou quatro livros, o mais recente “Apontamentos da Arte Africana e Afro-Brasileira Contemporânea: Políticas e Poéticas”, pela editora “Invisíveis Produções”, 2021, ganhador do prêmio Jabuti na categoria ARTES, 2022. Realiza vídeos documentais, disponíveis em www.poeticascontempranea.com

Orcid <https://orcid.org/0000-0003-3200-1385>

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6634786429422199>